

“Salvador Rosa”

Jolumá Britto

Na temporada lírica oficial do Teatro Municipal da cidade maior de São Paulo, este ano, dentre outras, será apresentada a ópera **Salvador Rosa** do nosso grande, imensurável e esquecido maestro Antônio Carlos Gomes.

Em toda minha vida assisti, apenas, a três óperas: “Boris Goudnoff”, no Teatro Colón, de Buenos Aires; “O Navio Fantasma”, de Wagner, no Teatro Municipal de Campinas, saudosa memória na cultura campineira e isto quando da passagem da Ópera, em Paris e o “Guarani”, de Carlos Gomes, do centenário do nascimento do maestro, no ano de 1936.

Agora, ao que noticiam os jornais, vai ser levada à cena no Teatro Municipal de São Paulo, o “Salvador Rosa”, que há setenta e dois anos não era encenada, sendo considerado um dos melhores trabalhos operísticos do filho do Maneco Músico.

Quando Carlos Gomes se encontrava na Itália, depois que em julho de 1873 foi assinada uma pensão que lhe deu certa tranquilidade e alívio em sua vida, sempre preocupado em manter a família em linha e nível exigidos pela sua posição de ser um dos maiores e melhores compositores já nessa época, a notícia foi comunicada ao autor de “Salvador Rosa” que, nesse ano, se encontrava musicando o livreto de seu amigo Bonola, em Lecco, cidade que visitei, vizinha à de Milão e onde o maestro mandara construir uma espetacular vivenda, à beira de imenso lago e que, nos dias de hoje, ao que parece se transformou em hotel.

Mas, a ópera que agora vai ser encenada em S. Paulo não tinha esse nome de “Salvador Rosa”, e sim, “Mazzaniello”, que teria música italiana sempre exigida pelo público da península e a que o campineiro sempre correspondia graças à sua privilegiada inteligência.

No entanto, tanto o libretista como o pai de Carletto resolveram mudar o nome da futura composição que era, conforme escrevemos “Mazzaniello” para “Salvador Rosa” a fim de evitar confusão que poderia ter com a “Muette de Portici”, de Auber, que se representava com o mesmo nome em um dos teatros da velha Itália e com nome idêntico ao trabalho que se preparava.

Foi quando, na mesma cidade de Milão, em 29 de agosto de 1873, o maestro escreveu uma carta ao seu amigo Castelões, que era uma espécie de seu secretário particular no Rio de Janeiro, informando-o de que terminara o segundo ato da nova ópera, embora estivesse com o corpo machucado por incessante trabalho. E, acrescentava nessa missiva: “— Sabes tu o que é escrever uma ópera nova, por força? Pois, é pior que andar na mata virgem de noite e sem lanterna...”

O Tônico sempre tinha umas expressões pitorescas, o que tudo pode se comprovar no livro “Carlos Gomes — o Tônico de Campinas”. Infelizmente, as edições deste meu livro, em número de quatro, sobre a vida do grande campineiro estão todas esgotadas, apesar de sua tiragem atingir a perto de 70.000 volumes, uma vez que a Livraria Saraiva comprou uma das edições para distribuí-la como “livro do mês” aos seus associados ou assinantes, em número de 65.000 tomos.

Hoje, em meu arquivo, tenho uns quatro ou cinco volumes de todas as publicações já feitas, mas, para vender, não possuo um único exemplar, ainda mesmo que fosse para remédio...

Há questão de dias o maestro Milton Calazans procurou-me para que eu lhe cedesse um volume, uma vez que é ele integrante da Academia de Música de Brasília, que deve ser instalada proximamente e ele tem com patrono o maestro campineiro.

E, segundo seu enviado, que me procurou em minha casa, não conseguiu encontrar em nenhuma livraria da cidade um só exemplar que fosse do Carlos Gomes — o Tônico de Campinas”, o que ele considerava uma vergonha para a cidade natal do maestro.

O que é que vou fazer? A última edição de meu livro sobre o maestro campineiro foi feita pelo Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Campinas, que o distribuiu às pessoas que o procuravam, e isso ao tempo de D. Jacy Milanl. Não cobrei direitos autorais e os ofereci a Campinas, para que não continue esquecendo a maior glória da cidade!